

Ciências sociais e humanas em saúde: incorporando a teoria

Quando planejamos a elaboração de um número temático centrado na teoria, sabíamos que tratar este assunto não é uma tarefa simples. Mas, à medida que recebíamos os artigos, sentimos que havíamos aberto um caminho altamente instigante e complexo.

O tema é amplo e pode ter múltiplos desdobramentos; afinal, a questão da construção de um pensamento teórico, como reza a tradição da Grécia antiga, é parte da cultura, onde se imbricam “teatro”, “teoria” e filosofia. Para o sociólogo Robert Nisbet, é revelador que a palavra *theoria* provenha da mesma raiz grega que a palavra *théatron*. Muitas outras palavras trazem significados que compartilham esses dois mundos que para os gregos se completam: *theoremata* que pode ser - contemplação, mas também espetáculo e objeto de estudo; *theôros* - aquele que consulta o oráculo; *theorein* - olhar atentamente, especular.

Apresentar o material que trata do campo das ciências sociais como uma construção teórica numa evocação teatral permitiu desfilarem autores/personagens; campos disciplinares/cenários; marcos teóricos/enredos, não apenas para a contemplação, mas para um espetáculo aberto, não como simples especulação, mas para uma atitude reflexiva e crítica.

Na abertura, situamos a trajetória da construção teórica na sociologia da medicina/saúde desmontando a ideia que prevaleceu durante algum tempo de ser campo ateuórico e exclusivamente de aplicação ao campo médico. Logo a seguir, as análises antropológicas partem de um diálogo com a medicina/saúde como experiência e construção sociocultural e política.

Os dois trabalhos - a sociologia da saúde nos Estados Unidos e no Brasil objetivam demarcar as trajetórias do campo nas experiências pioneiras norte-americanas e as atuais perspectivas teóricas e a busca da construção de uma identidade histórica, social e cognitiva, no caso brasileiro.

Sem dúvida, o ensino revela-se como um palco ideal para reproduzir conhecimentos e formar profissionais na vertente das ciências sociais. Porém, como mostra o artigo, os debates entre uma “sociologia pública”, “sociologia crítica” e “sociologia aplicada” ainda persistem quando se trabalha na fronteira do conhecimento de um lado e, de outro, frente à dominação do conhecimento biomédico.

Provavelmente, o teste encontra-se mais próximo do ensino e das possibilidades de instrumentalizá-lo para as práticas em saúde do que na produção científica onde limites, divisas e fronteiras são continuamente transpostos na construção de um conhecimento interdisciplinar.

Porém, para alcançar essa realização, é importante saber buscar os elementos necessários a esse conhecimento. Optamos por cinco dimensões-centrais para se construir um *corpus* teórico-metodológico: a narrativa, a auto/biografia, a história, a presença do sujeito no cuidado da saúde e a ética. Essas dimensões se completam no campo da saúde: todo texto e, em especial nas ciências sociais e humanas, se materializa na “urdidura do enredo”, segundo Hayden White, em uma narrativa que pode ser antropológica, sociológica, política, histórica e na dialética do auto-relato-biográfico, mas que se deparam, no momento da pesquisa com a intersubjetividade na relação pesquisador-pesquisado

Nas resenhas um (re)encontro, de um lado, com um dos mais ricos conceitos da antropologia e sociologia - a dádiva e seu papel na ação humana em saúde, de outro, com os questionamentos teóricos para a compreensão das práticas de saúde no Reino Unido.

Para os gregos, o teatro apresentava uma função eminentemente pedagógica: divertir e discutir temas polêmicos; da mesma forma, ao *disciplinarizar* a dimensão teórico-metodológica esta deixa de ser um simples artefato da pesquisa em saúde, para se tornar um elo essencial na compreensão da realidade estudada.

Aos autores, à editoria científica - Cecília e Romeu e ao comitê editorial executivo os meus agradecimentos. Vocês todos tornaram possível essa edição.

Everardo Duarte Nunes
Editor convidado